

PÁSCOA HOJE MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Há mais de cinco anos, nossos irmãos trabalhadores rurais continuam nos acampamentos, esperando a terra prometida pelos projetos de Reforma Agrária. Os jovens estudam com muitas dificuldades. Depois ficam parados sem trabalho nem condições de continuar a formação. Crianças e adolescentes estão utilizados na violência, na droga e na prostituição infantil. Terminam, quando não morrem antes, presos anos e anos em presídios onde se tornam revoltados e piores do que antes. Meninas e mulheres jovens são compradas e utilizadas no horrível comércio da prostituição. Doentes e velhinhos vivem sem condições para cuidar da saúde e da vida. Morrem na solidão, esquecidos pela sociedade nas casas e nos hospitais. A grande parte dos adultos do povo estão sem emprego e sem meios para criar a família. Tais são as consequências do projeto econômico atual que sempre mais aumenta a riqueza dos que já tem muito às custas do sofrimento e da morte dos sempre mais empobrecidos. Para nós cristãos, esse tempo de Semana Santa e de Páscoa nos faz descobrir que nessa triste realidade tornam-se atuais a *morte* e a *ressurreição* de Jesus. Ele continua sofrendo e morrendo sempre fiel a missão recebida que é a *Salvação* do mundo. O projeto dele continua. Em todas as situações do mundo hoje ele quer que o imitemos e nos tornemos filhos de Deus.

Podemos ler no Evangelho de São João (Jo. 12, 24) essas palavras de Jesus: "Eu garanto a vocês: se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto... Se alguém quer servir a mim que me siga (20)". Depois da Sexta-feira de luto, vem a alegria da páscoa. O Cristo que morre na cruz está vivo. Ressuscitou, apareceu aos discípulos, em diversos lugares e situações da vida.

Páscoa significa vida, vitória sobre a morte. De toda situação de morte pode sair uma realidade nova, como o broto que sai do grão, como o menino que nasce com as dores da mãe. O que anda, desprezado e sofrido, descobre que apesar de tudo, pode viver e ser amado como Filho de Deus.

Quais os sinais hoje, em nós, nas famílias, na sociedade, na Igreja, no mundo inteiro da *ressurreição* de Jesus? Temos mais consciência que somos responsáveis do Evangelho de Jesus? Nossas famílias são mais unidas e mais educadoras? O nosso movimento da A.C.R. está ainda adormecido ou tentamos com ele despertar a consciência dos companheiros? Aceitamos lutar com o povo do meio rural, os sem-terra, o sindicato ou a política. A força da *ressurreição* de Cristo deve aparecer em nossa vida e em nossas comunidades.

O Cristão vive o ensino e o exemplo de Jesus na existência cotidiana. Nesse tempo de vida nova, animados pela Palavra de Deus, reconciliados pelo Sacramento do perdão, nutridos pela eucaristia estamos em condições de tornar presente e atuante entre nós o Evangelho de Jesus Cristo. Nosso movimento de A.C.R. é um serviço do Evangelho e do mundo,, um meio para responder concretamente aos apelos da Páscoa. Nesses últimos meses e em todos os países, milhares de pessoas protestam contra a dureza e a injustiça que dominam o mundo de hoje. O Fórum anti-globalização de Porto Alegre é um exemplo do que nasce, do que é fruto da libertação que a Páscoa quer ampliar.

Pe. José Servat

Ação do movimento



RETIRO ESPIRIUAL DE FORMAÇÃO

Realizou-se em Botafogo, nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro um Retiro de Formação Espiritual de pessoas de Itapissuma e Ubu; Itamaracá; Condado; Nazaré da Mata; Paud'algo; Carpina; Tacaimbô; Pesqueira, Belo Jardim e Sergipe, além das pessoas da Comunidade de Botafogo que, além de participar organizaram a parte prática. Também teve a importante presença do Padre Afrânio de Arapiraca; ele que é o Assistente Nacional da ACR. Claro que estava presente o Padre José Servat, fundador da ACR aqui no Brasil e Vigário de Itapissuma; onde fica Botafogo. Este Retiro realizou-se no Centro de Formação São Benedito, fundado pelo Padre Servat.

O Retiro foi um aprofundamento da Fé. Não ficou-se na imaginação, pensando numa espiritualidade desencarnada, fora da realidade; lendo o Evangelho como se fosse um acontecimento passado, há 2 mil anos atrás. Pelo contrário. O Retiro partiu da realidade em que cada participante vive e, a partir daí, refletiu-se para perceber como a presença de Jesus Cristo está entre nós, na nossa vida pessoal e na Comunidade. Foi nesta linha que os grupos de estudos debateram várias questões e chegaram a várias conclusões.

Para discussão em grupos, a pergunta principal foi esta:

"QUEM É O RESPONSÁVEL POR ESTE MUNDO QUE ESTÁ AÍ?"

As principais respostas foram:

- * É o capital "selvagem" que leva os patrões a manipular as pessoas para obterem cada vez mais lucro sem valorizar o ser humano;
- * A mídia, os meios de comunicação, que endeuzam a globalização e, esta globalização provoca, como consequência, sofrimento a muitas pessoas.
- * Os políticos, os usineiros, os empresários são iguais ao Faraão do tempo da escravização do Povo de Deus no Egito porque eles oprimem o povo.

Diante desta situação foi discutido como o povo se comporta e quais as ações que se fazem e que se deveria fazer. Os grupos responderam o seguinte:

- * Muito pouco se sabe da importância do Evangelho. Muitas vezes nós nos entregamos ao egoísmo; ao pessimismo e isto leva a falta de união e a não escutar e praticar a Palavra de Deus;
- * Poucas vezes se pára para se perceber quanta riqueza tem dentro de cada um de nós e em nosso redor, porque estamos dominados pela presença dos valores passados pela mídia, pela força do Faraão.

RETIRO DE BOTA FOGO CONTINUAÇÃO

Quando se refletiu sobre a Igreja e o que cada um estava fazendo para modificar este mundo que aí está, foram dadas as seguintes respostas:

- * A Igreja se preocupa com a situação dos povos humildes e por isso muitos padres têm a boa vontade de ajudar a união entre as comunidades e também estão envolvidos nos movimentos de pastoral, de jovens e adultos e trabalhos como a Campanha da Fraternidade;
- * Existem pessoas que se entregam ao trabalho da A.C.R. para evangelizar esses humildes; principalmente as pessoas da área rural, para evangelizar a partir da vida que cada um vive, buscando a transformação deste mundo injusto em que vivemos;
- * A atuação a partir da formação e da articulação dos coordenadores da ACR tem sido muito importante junto aos movimentos sociais desta região.
- * Organizações pulares como as ONGs; sindicatos; grupos de Igreja como de Jovens e pastorais, têm contribuído para a continuidade deste trabalho de conscientização.

Além destes registros muitas outras coisas foram debatidas em grupos nas horas de intervalo.

Padre Afrânio fez várias colocações sobre o trabalho da Igreja como um todo e a atuação da ACR, a partir do trabalho missionário do Padre José Servat, que segundo ele, foi, e é, um grande exemplo para ele, nesta missão sacerdotal dedicada ao povo e especialmente os mais pobres.

Padre José Servat fez uma recordação dos tempos de transformação da Igreja, a partir do Concílio Vaticano Segundo, época marcada pela esperança de um mundo melhor a partir de reformas profundas, como a Reforma Agrária e também as mudanças trazidas pelo Concílio; o qual reanimava a Igreja para uma nova evangelização. Segundo ele, foi neste contexto de esperança que o Movimento da Animação dos Cristãos no Meio Rural nasceu e permanece tentando ser fiel à sua missão evangelizadora.



Gregório Bezerra, de volta do exílio depois da Anistia de agosto de 1979

Padre Servat também lembrou que há pessoas que, mesmo se dizendo não religiosas, como líderes populares que se inspiram em idéias filosóficas e não no Evangelho, muitas vezes estas pessoas dão testemunho do Evangelho a partir da prática. Ao contrário, há pessoas que se dedicam às devoções e a uma espiritualidade fora da realidade, o que leva essas pessoas a uma vida espiritual desencarnada da realidade. Concluiu afirmando que o Evangelho de Jesus Cristo é para ser vivido no dia-a-dia, a partir da realidade de cada um e de cada comunidade.

EQUIPE RELATORA

BOTAFOGO - PE

Campanha da Fraternidade

Em 1500 quando os portugueses desembarcaram nestas terras, aqui viviam aproximadamente seis milhões de pessoas; a quem chamaram de índios. Estas pessoas estavam divididas em aproximadamente 900 povos diferentes.

Até hoje a história oficial que é ensinada nas escolas continua a chamar a chegada dos portugueses de "descobrimento". Mas na verdade, eles chegaram aqui como outros povos chegaram em lugares diferentes, desde o tempo da antiguidade.

Os índios brasileiros, na verdade, viviam aqui há uns 40 mil anos. A chegada dos portugueses foi o começo da colonização. Os portugueses, antes de chegarem aqui, já tinham parado na África. Por lá fizeram negócios com os nativos, mas depois, começaram a comprar gente para trabalhar aqui no Brasil. Não só os portugueses mas também ingleses, espanhóis compraram gente na África para usar no trabalho escravo. Mas também escravizaram muitos índios. Disso pouco se fala hoje.

Muitas vezes a questão do índio é encarada como folclore, como uma coisa diferente, coisa natural, da selva... mas o que ocorre é que os índios são habitantes desta terra Brasil antes de nós e por isso, devemos respeitá-los como principais herdeiros desta terra.

O que se vê, ainda hoje, principalmente no Norte e no Centro Oeste, é uma forte discriminação, contra as comunidades indígenas e seus descendentes, os caboclos.

Mas uma coisa precisamos ter em mente. Não foi só aqui no Brasil que ocorreu colonização. Desde o tempo da Bíblia que os sírios, caldeus, romanos, invadiam terra que já tinha dono e dominam. Quem não lembra o Exílio dos hebreus na Babilônia? Quem não sabe que quando Jesus nasceu sua terra, a Palestina, estava dominada pelos romanos? Pois bem, estas histó-

rias de dominação, dos grandes e poderosos sobre os pobres e pequenos sempre se repetem.

O pior, a nosso ver, é que hoje assistimos a uma colonização pior que a do tempo dos portugueses: naquele tempo era Portugal tomando a terra dos índios e hoje, infelizmente, é o próprio brasileiro rico tomando o que se tem para vender para si, como se o Brasil fosse dele. Vejamos as privatizações. O Governo vendeu tudo e ainda aumentou a dívida, externa e interna, só para enquadrar a economia brasileira dentro dos interesses do capital internacional.



Foto: Diocese de Roraima

Há, hoje, muita gente querendo proteger os índios, mas, muitas vezes, estão querendo se beneficiar das riquezas naturais. Nós sabemos que, há algum tempo atrás estavam querendo criar um apís para os ionomans. Acontece que lá onde eles vivem, está a maior reserva de nióbio do mundo, mais de 90%. Este minério serve para fazer equipamento de computador e também para "produzir" energia nuclear sem radiação, sem poluição. Portanto, os índios não precisam de defesa, mas de ter seus direitos respeitados.

Padre Joãozinho, OSBM

Índios

O ÍNDIO NO MUNDO

Os povos indígenas do mundo, assim como nossos povos indígenas do Brasil, sofreram e sofrem os mais variados tipos de perseguição; chegando até a serem dizimados, mortos. Basta lembrar os Incas; os Maias e os Astecas, que viviam onde hoje é o Peru; a Colômbia; a Bolívia; México, e que foram exterminados pela colonização espanhola. O que os portugueses fizeram aqui no Brasil, os espanhóis fizeram por lá. Também não podemos deixar de lembrar o que os ingleses fizeram com os povos nativos da atual América do Norte. Muitos povos foram massacrados pela atual civilização americana. É só lembrar os filmes sobre os Peles Vermelhas.

No nosso caso brasileiro todos sabemos o que ocorreu com nosso povo nativo. Aliás, nossos povos, pois somos muitos e diferentes. Os povos indígenas brasileiros são considerados, no mundo inteiro, fonte inesgotável de sabedoria. As declarações tiradas nos Encontros Mundiais afirmam o compromisso desses povos em lutar pela vida e defender a Mãe Terra com todo o vigor. Basta lembrar um grande Encontro Mundial, realizado anos atrás no México; o que foi marcado com uma frase, hoje lembrada no mundo inteiro: SOMOS MILHÕES E MESMO QUE TODO O UNIVERSO FOR DESTRUÍDO, NÓS VIVEREMOS!

O ÍNDIO NO BRASIL

Tem surgido muitos Movimentos Indígenas para defender nossos povos. Dentre estes podemos citar: OPIR (Organização dos Povos Indígenas de Roraima); OPIAC (Organização dos Povos Indígenas do ACRE); OPIAM (Organização dos Povos Indígenas do Amazonas); o COPOIB (Organização dos Povos Indígenas do Brasil) e a APOINME (Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo).

O ÍNDIO EM PERNAMBUCO

Aqui em Pernambuco temos nove povos indígenas, vivendo, com muita frequência, conflitos com fazendeiros e políticos locais.

É preciso lembrar que para os índios nordestinos tem sido mais difícil fazer valer seus direitos devido à discriminação. Muita gente não os considera índios devido a mistura racial que há entre muitos grupos indígenas. Mas esta mistura deu-se por vários motivos. Um deles foi a união entre índios e negros que fugiam da matança e da escravidão de fazendeiros e Senhores-de-Engenhos, respectivamente. Também a convivência com a população não indígena causou esta mistura, não só de raça mas também de tradições, costumes e outros aspectos sócio-culturais que, aos poucos, fizeram parecer iguais, índios e não índios. Também uma visão errada de índio: há quem pense que índio é aquele que vive na Mata. Mas as matas dos índios foram derrubadas pelo homem branco!



Essas e muitas organizações, que surgiram mais a partir da Constituição de 1988; dão suporte a uma articulação cada vez mais consistente a esses povos na luta pelos direitos indígenas que têm sido cada vez mais perseguidos por grandes fazendeiros; garimpeiros; madeireiros, etc. Junto a essas organizações está o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) que tem lutado conjuntamente e conquistado a posse de suas terras.

Os povos indígenas em Pernambuco hoje são:

Fulni-ô; Xucuru; Rapinawá; Kambiwá; Pipipô; Aticum; Tuxã; Pamcararu e Trucá.

Estes povos precisam de, além de lutar pela posse de suas terras, lutar por educação, saúde, e outras necessidades que lhes são próprias; conforme as suas tradições.

É isso que têm feito através de suas organizações e orientações de suas lideranças; muitas vezes perseguidas.

A luta indígena em Pernambuco não tem sido fácil. Dois povos tem sido os mais perseguidos: O povo Xucuru e o povo Trucá.

Os Xucurus de Pesqueira tiveram três lideranças assassinadas em um período de doze anos, que foram, o Cacique Chicão em 1998; o Líder Chico Quelé em 2001 e um advogado que defendia a causa do povo Xucuru.

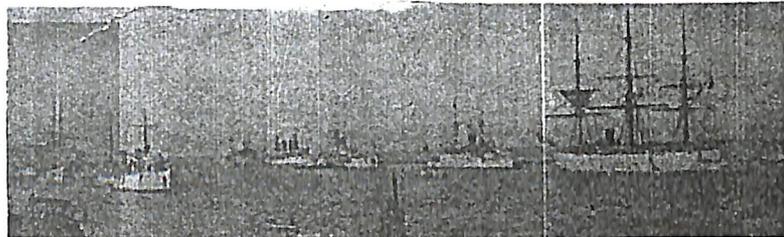
O povo Trucá teve, em 2001, dois índios queimados pela polícia e outros presos em represália, devido a luta deste povo.

Duas entidades apoiam as lutas indígenas em Pernambuco. O CIMI trabalha o aspecto da Terra e o Centro Luiz Freire trabalha o aspecto da Educação.

Os professores indígenas em Pernambuco têm seu próprio Movimento, o COPIPE (Conselho de Professores Indígenas de Pernambuco).

Também muitos povos que já eram considerados extintos começaram a reaparecer, apoiados por essas organizações; pois, antes evitavam se identificar como índio, devido as perseguições. Houve quem dissesse que no Século Vinte não haveria mais índios, pois, segundo essas pessoas, os índios estariam em extinção.

Todavia, hoje somos mais de 30 mil, organizados em mais de 200 Nações e, a cada dia, surgem os novos povos que ainda não tinham contato conosco; principalmente no Norte do Brasil.



A IGREJA O PODER E OS ÍNDIOS

A causa dos índios brasileiros está sendo abraçada pela Igreja do Brasil há muitos anos. O CIMI, por exemplo, foi criado para acompanhar este trabalho que se faz em defesa dos povos indígenas. Contudo, nem sempre foi assim.

No tempo do Brasil Colônia a Igreja nada podia fazer em defesa dos índios porque ela era um setor do Estado. O catolicismo era religião oficial de Portugal e conseqüentemente do Brasil.

Sempre houve setores da Igreja hierárquica que defenderam os indígenas, como Bartolomeu de Las Casas, bispo espanhol que trabalhou na América Latina em defesa dos índios. Há outros casos mas não podemos tratar agora: são muitos casos...

Os jesuítas aqui no Brasil tiveram uma presença muito grande entre os indígenas. Só que eles tinham uma visão diferente da que a Igreja tem hoje. A Companhia de Jesus criou os famosos aldeamentos; onde os indígenas viviam sob regras muito severas: eram obrigados a rezar, em latim, para um Deus "que não conheciam", pois eles tinham, e têm, suas tradições, e conseqüentemente suas práticas religiosas, o seu Deus.

É triste ver que, ainda hoje, há setores da Igreja que tratam os índios como inferiores. Várias congregações religiosas do Norte do Brasil tiveram dificuldades de aceitar, de igual para igual, os religiosos amazonenses. Se hoje aceitam e devido ao fato de não vir mais missionários estrangeiros para aquelas regiões.